

## As Marias \*

Na época da ditadura brasileira, em 1972, nasceu uma menina chamada Maria Betânia numa tarde ensolarada em Ibiapina, no interior do Ceará. Filha de uma simples dona de casa, Maria José, que zelava muito pela sua família, e de um fazendeiro violento e alcóolatra, João Vicente.

Em um dia, quando ela ainda era pequena, seu pai chegou no terreiro de casa e avistou a esposa, preocupada, à sua espera na varanda. Ele que havia passado dois dias regado à pinga das mais forte se aproximou da esposa e lhe deu um tapa, antes mesmo dela perguntar onde ele estava. Começou a rotina: batendo, esmurrando e chutando. Batendo. Esmurrando. Chutando. Para as Marias isso era normal.

Maria Betânia assistia a tudo, chorando, da porta de seu quarto. Quando sua mãe estava quase desfalecendo, a avó chegou gritando:

-PARA!!! Solte Maria José! Desse jeito vai matar minha filha!!!!

-SAIA DAQUI SUA VELHA INTROMETIDA!!!!!!

Enfurecido João Vicente empurrou a sogra que caiu e bateu a cabeça em uma cadeira.

Maria Betânia naquele dia perdera a avó e ganhara um pai assassino.

O tempo passou e ela aos cinco anos de idade, entrou na escola. Direito adquirido por mulheres brasileiras lá em 1827. Será que ela sabia disso?

Maria crescia, mas sua vida permanecia a mesma. Sua rotina familiar estava voltada aos afazeres domésticos. Via na mãe a repreensão e a violência do carrasco João Vicente. Mas tentava ignorar o destino que lhe era imputado. Desde cedo se identificava com a área de exatas: somar, subtrair, essas coisas. Sempre apaixonada pelos números e ávida por conhecer coisas novas.

- Papai hoje aprendi a dividir. – disse alegre para o pai em um fim de semana.

- Menina tola, pare com essa asneira!! – ordenou João.

- Papai hoje aprendi a regra dos nove!

- Já aprendeu a cozinhar e a costurar? Tua mãe não ensina nada? Deve é de aprender a cuidar da casa e não essa tal regra dos nove. Vai cuidar de menino com essa regra? Vai fazer feijão com esse tal de dividir?

Consternada pelo modo como o pai a tratara, a menina saiu chorando.

-João Vicente! – repreendeu a mãe, compadecida da filha.

Era mais um motivo para logo João Vicente colocar seu “pé duro” e o copo de cachaça Serrana sobre a mesa e começar a bater na sua mulher violentamente. Chutes. Pontapés. Chutes e pontapés sobre Maria José.

- Pare de se intrometer! – outro chute. - Se essa menina não prestar – Um murro no olho - a culpa vai ser sua! – Uma rasteira. - É CULPA SUA!! – Maria ao chão.

Semanas depois, Maria foi para uma excursão da escola em uma fábrica de carro. Não a mãe, que se recuperava ainda de outro dia de bebedeira de seu João Vicente. A Maria filha, a Maria Betânia.

Na fábrica a menina, entusiasmada, ouviu o chefe responsável pelo maquinário dizer uma frase que a inspirou:

- Nosso engenheiro mecânico revolucionou o mercado, criando este modelo de automóvel. Ele é o melhor e mais moderno veículo do País criado por um homem!

Ela deve ter pensado: *Um homem? Por que não uma mulher?*

Maria Betânia queria ser importante e fazer coisas surpreendentes quando crescesse. Assim passou a ter o sonho de um dia se formar em engenharia mecânica.

Quando cresceu deixou a família no Ceará. Não porque o pai a deixara partir ou a expulsara. Já tinha vinte. Podia mandar em si mesma. E melhor: havia passado na faculdade. Foi morar no Rio de Janeiro para estudar.

No Rio não demorou para conhecer alguém.

- Ai!

- Meus livros! Vou chegar ainda mais atrasada! Me ajude a apanhá-los do chão!

Ele era um rapaz chamado Pedro Joaquim de beleza exuberante e de família rica. Mal o viu se encantou.

- Toma. – entregou os livros – Ah e meu nome é Pedro Joaquim. Você é de que curso?

- Engenharia mecânica. Tchau!

-Tchau?!

No dia seguinte Maria Betânia estava na sala aguardando o professor iniciar a aula quando um rapaz se sentara ao seu lado e começou a conversar com ela.

- Não derrubou nada dessa vez?

Ela o olhou de relance e só percebeu quem era depois.

- Olá, senhorita atrasada! Como se chama?

- Olá! Me chamo Maria Betânia.

- Eu sou P...

- Pedro Joaquim. – completou Maria.

- É! Queria dizer que também estudo engenharia mecânica. Nós temos um grupo de estudos todas as quintas-feiras à noite, se você tiver interesse pode participar também.

Ficaram amigos. Mas não demorou muito e Maria se apaixonou por ele. Diferente dos homens que conhecia. Sempre muito atencioso, amoroso, amigável e respeitoso. Ele não era um João Vicente. Era uma imagem totalmente oposta e por esse motivo o rapaz ganhou seu coração.

Após algum tempo começaram a namorar. E pouco depois, num dia chuvoso, como nos filmes que vira quando ainda moça, ela foi pedida em casamento. Disse sim. Não podia perder aquele homem diferente de todos.

Depois do casamento foram a Paris. Lua de mel. Sonhos. Felicidade. Era um filme. E, enfim, quando voltaram ao Rio seu esposo fez a primeira decisão por ela.

- Meu amor, sei que você queria cursar engenharia mecânica desde criança, mas agora que casamos você poderia ficar em casa para cuidar de nossa família.

- Mas eu posso continuar estudando e cuidar da casa.

- Vamos fazer assim, você fica em casa e se organiza. Tranca a faculdade e depois, se realmente for possível, você volta a estudar.

Era em um tom amoroso que Pedro Joaquim a convencia. Não era como o pai dela. Entretanto, tal qual o pai, na verdade, pensava que mulher não deveria se ocupar desses assuntos. Maquinou tornar impossível a volta da esposa para a faculdade.

Decorridos três meses de casamento, Pedro Joaquim começou a sair para festas. Sem horário para chegar em casa. E quando chegava, chegava bêbado, agressivo e muito descontente com Maria.

Ao longo do tempo passaram a discutir. Maria Betânia pensava ser comum. *Vida de casal é assim. Lembro de mamãe...* Discutiam. Discutiam sempre por qualquer coisa, mas eram só palavras. Eram apenas gritos. Até que um dia Pedro Joaquim a agrediu.

Maria ficou deprimida por vários dias e não sabia que iria acontecer com ela algo muito parecido com o que acontecera à sua mãe. Será que ele, o rapaz exuberante, havia se tornado seu João Vicente? Teria a mesma sina da mãe ou da avó? Quando enfim melhorava da crise via isso se repetir ao longo dos meses até as situações de conflito ficarem cada vez mais constantes.

Quando certo dia Maria descobriu que estava grávida, ficou feliz. Era a chance de mudança e correu contar ao marido:

-Tenho uma notícia fantástica para você!

-Qual?

- Você vai ser pai!

- Sério?!

- Sim! Vou começar a procurar o enxoval e tenho que avisar nossas famílias!

- Não, você não pode ficar saindo assim, gravidez é coisa séria. Verei alguém para comprar coisas de bebê quando soubermos o sexo. Farei um telegrama para a família e você... Não me obrigue a repetir! Vai ficar em casa. – Outra decisão que ele fazia por ela.

Com o nascimento de seu filho, de mesmo nome que o pai, a situação de agressão física e psicológica reduziram, porém não acabaram.

Maria estava deitada em sua cama e seu filho dormindo no berço, quando seu marido chegou altas horas da noite bêbado.

-Maria Betânia? - Procurou sua esposa. - Maria Betânia!? Mulher! Ahhhhh!

Ela não ouvia, pois dormia. Quem dera estivesse acordada, pois sua demora teve conseqüências.

- Não me ouve, mulher?!

Ele chegou ao seu encontro e começou a espancá-la. Ela acordou com dor. Batia nela como outras vezes, mas não como de costume. Estava mais violento. Mais descontrolado. Mais João Vicente.

Foram tapas e um “So...”. Depois tapas e chutes e mais um “Para!”. Quando tirou o cinto, não eram mais tapas. Eram socos e às vezes um baixo “socor...”. Mais socos e cinturadas nas partes que dificilmente eram vistas e outros desses às vezes chorosos “...rro”.

Por causa dos gritos, murmúrios e do barulho de mãos que se debatiam, socos que batiam e cinturões que chicoteavam, o bebê ali inocente acordou e começou a chorar.

No dia seguinte Maria Betânia tomou a decisão de sair de casa e morar com o filho na casa dos pais, porém ela tinha receio. Os pais moravam longe. Não tinha dinheiro próprio para viajar sozinha. E ela era casada na igreja de modo que isso feria seus costumes.

Então procurou ajuda em uma ONG, sem que ninguém soubesse. A tal ONG era formada por mulheres que lutavam pelo seus direitos. Lá teve muito apoio das pessoas que tinham sofrido o mesmo que ela. Também conseguira um emprego durante o dia com a Dra. Ketlyn, uma juíza que apoiava a ONG, e enquanto trabalhava seu filho ficava na ONG com as cuidadoras voluntárias do local.

Um ano depois Maria Betânia estava indo ao trabalho quando percebeu que um carro a perseguia. Imediatamente imaginou que seriam ladrões, todavia quando olhou para trás viu ele. *Pedro?* Era o marido. Era Pedro Joaquim dirigindo e acelerando em sua direção. Queria decidir uma última vez por Maria, queria que Betânia deixasse de lado sua vida.

Começou a correr. *Um carro?* Passos cada vez mais largos. *Os carros são uma das invenções mais brilhantes do homem.*

As pessoas lhe olhavam incrédulas. *Um carro. Movido a motor de combustão.* Elas corriam para os lados, buscando segurança. O carro ainda a perseguia. *Um carro é logicamente mais veloz que um humano.* Chegava mais próximo. *Pode chegar fácil aos cem quilômetros por hora em alguns poucos segundos.* Quase lhe tocando. *Um homem nunca poderia chegar a essa velocidade. Mas não sou um homem. Sou mulher.* Correu. Parecia veloz como nunca. Como os carros que estudara na faculdade que trancara por decisão do marido. *Pedro Joaquim...* Não o pai. Lembrou do filho.

Maria correu como nunca. Correu sem notar que estava entrando em um cruzamento. De repente. Muito rápido. Um estrondo. Não sentiu nada.

Nove meses depois a enfermeira saía do quarto com uma bandeja de medicamentos na mão.

- Olá, tudo bem? Olha só já está normocorado, apresenta PA, respiração, batimentos cardíacos e evacuações estáveis.

- Obrigada! – Disse Maria. Caminhou o olhar pelo quarto e parou ao lado da cama.

- Estou indo trabalhar. Voltarei no final do dia, nosso filho já foi para a creche. Não quero ser interrompida na fábrica porque você não quis tomar seus remédios.

Na maca o marido tetraplégico acatava a bronca.

Maria Betânia conseguira se formar com o apoio da ONG que frequentava. Como não queria que seu filho crescesse longe da presença do pai, passou a pagar cuidadores ao esposo tetraplégico com o dinheiro do seguro. Trabalhava agora em uma empresa de automóveis sendo exemplo para outras mulheres na ONG. Além de apoiar financeiramente ela dava palestras na ONG sobre relacionamentos abusivos, superação e amor próprio.

---

\* Este conto fora produzido pelos alunos Antônio Mário Pereira Galvão, Cristiane Lima de Menezes, Francisco Dheyson de Quadro Carvalho, José Adriano de Sousa, Lucas Paiva de Almeida e Maria Liliane Meneses Fontenele na disciplina de Projetos Sociais lecionada pelo Prof. Kácio Evangelista, no curso de Licenciatura Plena em Química do Instituto Federal do Ceará *campus* Ubajara.